

MODELO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO DIDÁTICO PARA EaD

Ana Beatriz Bahia (Centro de Educação a Distância/UDESC, abbahia@gmail.com)

Andreza Regina Lopes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, andrezalopes.ead@gmail.com)

Resumo: O vídeo didático potencializa a construção e reconstrução do conhecimento do estudante na modalidade de Educação a Distância (EaD). A partir desta premissa, este artigo: (1) sumariza parâmetros definidores da qualidade midiático-pedagógica desse tipo de recurso; (2) apresenta aspectos pilares do seu processo de produção no contexto da EaD acadêmica. Para tanto, propomos o Modelo de Produção de Vídeo Didático, o qual ganhou forma em pesquisa exploratória e descritiva realizada a partir de um estudo de caso. O modelo inclui: (2a) uma taxionomia de vídeo didático; (2b) os atores envolvidos no processo de produção; (2c) as etapas desse processo.

Palavras-chave: vídeo didático; educação a distância; produção audiovisual; mediação.

DIDACTIC VIDEO PRODUCTION MODEL FOR DISTANCE EDUCATION

Abstract: In Distance Education, the didactic video is considered a media that enhances the construction and reconstruction of knowledge. On the basis of this premise, this paper: (1) synthesizes parameters for pedagogical and media quality for this kind of didactic resource; (2) presents the pillars of the didactic video production process for Distance Education in the academic context. We propose a Didactic Video Production Model. This was implemented as from an exploratory and descriptive research based on a case study. The model includes: (2a) a didactic video taxonomy, with five categories; (2b) the main actors involved in the production; (2c) the main steps of that process.

Keywords: didactic video; distance education; audiovisual production; mediation.

1. INTRODUÇÃO

Aspecto fundamental no planejamento e desenvolvimento de um curso a ser oferecido na modalidade a distância é a elaboração do material didático, elemento mediador que estrutura e conduz o estudante no processo de ensino-aprendizagem. Este é organizado em diferentes mídias, incluindo materiais analógicos e digitais (SILVA; SPANHOL, 2014). Independentemente do tipo de material, é de extrema importância que este apresente qualidade necessária para interação efetiva entre professor e estudante. Para tanto, considera-se que a utilização integrada de diferentes mídias, suportes e linguagens, bem como a interação entre múltiplos atores do processo de concepção até a fase de execução e disseminação do conhecimento inferem diretamente para uma formação de qualidade (BRASIL, 2016).

Considera-se que um material didático é efetivo quando promove a aprendizagem, enquanto contínuo processo de construção e reconstrução do conhecimento. Para tanto, além de ter consistência no conteúdo enunciado, o material deve proporcionar uma experiência significativa, ou seja, apresentar uso adequado da linguagem escolhida. Até porque, a fronteira entre a forma e o conteúdo de um discurso pedagógico é ilusória: o modo como algo é dito plasma conceitos e estratégias de seleção e de organização de saberes, estrutura a experiência de aprendizagem que se realiza através desse dizer (BAHIA, 2008).

Entende-se que a excelência no uso de uma determinada linguagem para a construção de materiais didáticos para EaD é aquele que promove uma ‘educação sem distância’. Permite superar barreiras físicas e geográficas; atingir os objetivos de uma aprendizagem flexível, contextualizada e de qualidade para muitos (BRASIL, 2007).

Dentre as linguagens midiáticas utilizadas na construção de materiais didáticos para EaD, destaca-se a audiovisual. Com o surgimento e popularização, nos últimos dez anos, de portais na *web* destinados à veiculação de vídeos independentes – como *Youtube*, *Vimeo*, entre outros –, a linguagem audiovisual ganhou uma aceitação pública nunca antes desfrutada. O vídeo está entre os tipos de materiais mais usados para estreitar relações de ensino-aprendizagem neste início do Século XXI, ganhando diferentes formas nos contextos de educação formal, não-formal e informal, como: videoaula, depoimentos de especialistas, infográficos animados, tutoriais e até mediação pedagógica de filmes ou vídeos disponíveis na *web*. Na EaD, especificamente, o uso de vídeos mostra-se pertinente para realizar função pedagógica diferencial e complementar a de outros materiais didáticos.

Neste artigo apresenta-se parâmetros e estratégias metodológicas para a produção de vídeo didático no contexto da EaD, resultados de uma pesquisa exploratória e descritiva realizada entre os anos de 2014 e 2015. A pesquisa incluiu: (a) levantamento bibliográfico e análise de depoimentos de profissionais especializados na produção de vídeos didáticos; (b) construção e documentação do modelo de produção de vídeos didáticos aqui apresentado.

2. O VÍDEO DIDÁTICO EM EaD

A construção de um vídeo didático envolve diferentes competências, habilidades e recursos tecnológicos. Costuma nascer do trabalho de uma equipe multidisciplinar que atua de modo interdisciplinar. Especificamente, demanda parceria entre professor (especialista no conteúdo abordado) e equipe de produção de materiais didáticos (composta por profissionais habilitados no uso das linguagens midiáticas para fins didático-pedagógicos). A boa interação entre esses profissionais é fundamental para que a dimensão interdisciplinar do processo se realize. Todos os envolvidos nessa construção precisam ter clareza sobre ‘o quê’, ‘o porquê’ e ‘para quem’ o vídeo está sendo produzido, assim como, saber tirar proveito da linguagem audiovisual para promover a construção e reconstrução do conhecimento. Independentemente da quantidade e formação dos profissionais envolvidos, é fundamental que todos estejam bem alinhados sobre o que aporta qualidade ao trabalho a ser realizado. Portanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e elencou-se dez máximas para concepção e produção de vídeos didáticos. Trata-se de uma síntese de “boas práticas”, cada qual recomendada em todas, ou quase todas, as fontes pesquisadas (BEAUDIN; QUICK, 1996; CARDOSO, 2013; CLOTHIER, 2016; MAYER, 1997; MAYER; MORENO, 1997, 1998, 2000a, 2000b; SCHNAID et al., 2003) e:

- **Ser o mais breve possível:** buscar orientar e produzir vídeos com até 8 minutos de duração. Isso porque a atenção do aluno costuma diminuir na medida em que o vídeo se prolonga [...]
- **Ser livre de preconceitos:** trabalhar os assuntos de um modo que não reafirme preconceitos e estereótipos que pairam no senso comum.

- **Ser narrativo:** [...] como se o professor estivesse contando uma história. Apresentar um texto como narrativa é uma estratégia pedagógica utilizada para capturar e manter a atenção do aluno.
- **Promover a autoria:** [...] É importante que o aluno interprete o vídeo como uma “fala” do professor. Sempre que possível, vamos utilizar a fala do professor ao invés de um narrador, pois, dependendo da entonação da voz do narrador pode ficar subentendido que este não tem propriedade para abordar o conteúdo com a consistência e profundidade desejadas, fragilizando a credibilidade do vídeo como um todo.
- **Usar tomadas curtas:** tradicionalmente estamos acostumados a prestar mais atenção em vídeos curtos, para o vídeo didático isso não é diferente, por isso recomendamos intercalar dois ou mais tipos de tela, ou de enquadramentos [...].
- **Sensibilizar o aluno:** o vídeo é um recurso educativo e, também, de sensibilização. Portanto, orientamos que a abordagem do conteúdo seja feita a partir de situações atuais e relacionadas com o cotidiano do aluno.
- **Ser simples:** [...] ser o mais simples possível, evitando a dispersão do aluno com elementos gráficos e sonoros que não contribuam para o aprendizado.
- **Ser diferente:** [...] é importante identificar qual abordagem de vídeo soará convencional e qual será vista como novidade para os alunos, tendo em vista o assunto em discussão e o objetivo pedagógico do vídeo. Ou seja, o diferencial do vídeo não deve distrair, deve promover uma aproximação efetiva do aluno com o conteúdo.
- **Ser um audiovisual:** o vídeo não deve estar pautado apenas na linguagem verbal, seja ela narrada ou escrita. Devemos explorar o uso de som, imagem e movimento.
- **Ter ritmo:** é preciso apresentar um ritmo constante na fala, ela não deve ser muito lenta, nem muito rápida. Precisa dar tempo para o aluno pensar; por isso algumas telas de silêncio (subtítulos, por exemplo) são importantes. A narração deve ter uma entonação que represente a narrativa do vídeo. (BAHIA; SILVA, 2015, p. 14-16)

Tais práticas potencializaram a produção de vídeo no contexto da EaD nos diferentes projetos vivenciados pelas autoras da pesquisa aqui referida.

3. QUANDO UTILIZAR O VÍDEO DIDÁTICO

Um vídeo didático é um capítulo do material didático basilar num curso EaD. Portanto, ao optar pelo uso da linguagem audiovisual deve-se ter clareza sobre os motivos dessa escolha. Perguntar-se: em que medida as vantagens formais e comunicacionais próprias dessa linguagem são adequadas para o tema? o objetivo pedagógico? o público e o contexto de ensino-aprendizagem?

Se o objetivo, por exemplo, for abarcar um tema extenso numa análise conceitual, ou aprofundar um conteúdo, o vídeo não é o tipo de recurso mais indicado. Talvez a linguagem verbal e o formato de livro (impresso e/ou digital) sejam os mais adequados, pois facilitam a apresentação objetiva de ideias e o estudo mais aprofundado. Além disso, o estudo de um livro é menos cansativo do que assistir um

vídeo didático extenso, com a duração necessária para apresentar grande volume de informação. Estima-se, com base na experiência das autoras que somam uma década na área, que a atenção do aluno perdura de modo satisfatório para a aprendizagem no tempo médio de 3-5min., podendo, conforme didática, estender-se até 8 minutos.

Quais características formais e comunicacionais são próprias da linguagem audiovisual?

Em termos formais, a linguagem audiovisual é a articulação entre som, imagem e movimento numa única mídia, com uma temporalidade e enquadramento da percepção que lhe conferem caráter narrativo. Contudo, é a palavra vídeo, usada no dia-a-dia para designar produções audiovisuais, que melhor explica a potencialidade desse tipo de linguagem. Como a origem do termo indica – do latim *video* que significa “eu vejo” – vídeo é a construção de um olhar sobre um algo. Cada discurso audiovisual é um modo singular e diferencial de perceber e representar o estar no mundo. Isso vale até mesmo para as desprezíveis filmagens do cotidiano; elas são mais do que capturas do mundo diante da câmera. Toda filmagem é resultado de escolhas que o cinegrafista faz, decidindo a cada instante o que, quando e como registrar os sons, as imagens e os movimento de/sobre algo. No caso de um vídeo didático, estas decisões devem convergir para a proposta pedagógica definida pelo professor e pela equipe multidisciplinar envolvida na produção.

Em termos comunicacionais, tendo por base a revisão bibliográfica apresentada (BAHIA; SILVA, 2015), pode-se afirmar que a produção de um vídeo didático é indicada quando se busca: analisar a dimensão teórico-empírica de uma situação concreta; comparar diferentes situações do cotidiano; contrastar depoimentos de profissionais com diferentes opiniões; explicar processos de difícil observação a olho nu (microscópicos ou telescópicos); transitar entre contextos geográfica e/ou historicamente específicos; demonstrar passos de um processo técnico ou comportamental; ilustrar um conceito com metáfora, ou inserido em uma narrativa ficcional; estabelecer relações entre o que o aluno aprende e a realidade vivenciada; motivar o aluno a colocar em prática o que aprende no curso, entre outras. Em síntese, se utilizada de forma consistente e adequada, a linguagem audiovisual é muito relevante para se promover a aproximação do estudante com o mundo tangível ou figurável – e não apenas com ideias abstratas, como comentado no início deste tópico –, pois permite que este se perceba implicado no conteúdo abordado, promovendo a reflexão e o pensamento crítico.

4. COMO CONSTRUIR UM VÍDEO DIDÁTICO

Cada instituição de ensino que atua na modalidade EaD tem sua própria dinâmica de elaboração de vídeo didático, forjada com vista aos recursos de tempo, de pessoal e de equipamentos de que dispõe. Há instituições, por exemplo, em que o professor dialoga com uma equipe externa de estúdio de produção de vídeo contratado para tal objetivo. Também há instituições que apenas filmam o professor explanando seus conteúdos diante do computador, entregando a gravação aos alunos sem sequer suprimir as pausas ou repetições próprias da fala espontânea. Esta última dinâmica costuma ser justificada por escassez de recursos.

A disponibilidade de recursos não é o único fator determinante para a qualidade de um vídeo didático. A consistência conceitual do processo de construção do vídeo –

os parâmetros e critérios, as referências¹ e etapas adotados pela instituição – impacta direta e intensamente na qualidade do vídeo. Tal consistência se mostra quando se indaga, por exemplo: o que a instituição entende por vídeo didático? Ou, o que entende por um bom vídeo? A partir de que referências de linguagem audiovisual sua equipe trabalha? Quanto tempo de criação está disposta a investir nesse tipo de produção? O que definiu como padrão mínimo de qualidade comunicacional – e não apenas técnica? Será que ele é coerente com os usos que se faz da linguagem audiovisual no mundo contemporâneo? Em que direção a instituição caminha quando pensa em melhorar seus vídeos didáticos? Até que ponto a interdisciplinaridade e a colaboração estão presentes em seu processo de produção?

Descreve-se, a seguir, um modelo de concepção e produção de vídeo didático no contexto de EaD, desenhado, testado e aperfeiçoado ao longo de um ano de trabalho². Tal modelo ganhou forma na publicação “Vídeo Didático: um Guia para o Professor” (BAHIA; SILVA, 2015), utilizado na capacitação de docentes da instituição com o objetivo de promover participação mais efetiva dos professores no processo de construção de vídeos didáticos.

Esse modelo foi desenhado porque, em grande medida, observou-se que a qualidade do vídeo didático dependia da efetividade do diálogo estabelecido entre docentes e a equipe de produção de material didático. Nos vídeos em que não foi possível construir um diálogo efetivo entre professor e roteirista, percebeu-se que a consistência entre conteúdo e forma do vídeo didático não atingiu a qualidade final esperada, reafirmando a importância de um modelo que promovesse o trabalho interdisciplinar e colaborativo entre os atores envolvidos nesse processo.

5. MODELO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO DIDÁTICO

O modelo é composto de: (a) **taxionomia de vídeos didáticos** consistentes com os critérios de qualidade pedagógica e audiovisual antes elencados e, ao mesmo tempo, produzíveis com os recursos de tempo, de pessoal e tecnológicos de que dispúnhamos, (b) **atores do processo**, tanto da equipe docente como da equipe de produção; (c) **etapas do processo**, incluindo pré-produção, produção e pós-produção.

a. Taxionomia de vídeos didáticos

¹ Há inúmeras bases de dados *online* de vídeos educacionais. Nelas encontramos vídeos de diferentes tipos, dos mais convencionais aos mais inovadores. Entende-se que conhecer tal diversidade é interessante para pensar a amplitude da linguagem audiovisual e buscar inspirações. Portanto, compartilha-se os endereços a seguir: *Domínio Público* <http://www.dominiopublico.gov.br/>; *Novo Telecurso* <https://www.youtube.com/user/gilesons>; *Videoteca TV Futura* <http://www.futuratec.org.br/>; *Estude em casa* https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUIC-CR2s8AjIwg; *Festival Innovative Video in Education* <http://www.ivieawards.org/>; *Festival da BUFVC* <http://bufvc.ac.uk/events/learningonscreen>; *MIT (Massachusetts Institute of Technology)* <http://video.mit.edu>; *Universidade Aberta do Reino Unido* <http://www.open.ac.uk>; *BBC Learning Zone*: <http://www.bbc.co.uk/learningzone/clips>; *FW Thinking* <http://www.fwthinking.com/video/>; *Coursera* <https://www.youtube.com/user/coursera/videos>; *Vimeo Education* <http://vimeo.com/categories/education>.

² Este trabalho ocorreu entre 2014 e 2015, quando as autoras integraram a Equipe de Produção de Materiais Didáticos, numa instituição pública de ensino técnico, ensino médio e ensino superior em Santa Catarina. Andreza Regina Lopes da Silva como coordenadora da equipe; Ana Beatriz Bahia como roteirista de vídeo didático, atuando também na direção das gravações e na edição desses vídeos.

É fato que já existem categorias de classificação de vídeos em geral: quanto ao tipo de produção (animação ou *live action*), quanto à duração (curta, média e longa-metragem) e quanto ao gênero, tendo por base a cinematografia clássica (Ação, Comédia, Drama, Musical, Terror, entre outros). Existem também classificações próprias para vídeos educativos, como a proposta por Margarita Schmidt (1987), tendo por base os objetivos pedagógicos: instrucional, cognitivo, motivacional, modelo (tutorial) e lúdico ou expressivo. Essas classificações são amplas, mas excessivamente abrangente na hora de classificar os vídeos didáticos produzidos no contexto de EaD. Por isso, propôs-se categorias próprias, tendo em vista demandas de nosso contexto institucional, apresentadas a seguir e em ordem crescente de complexidade de produção.

Vídeo de mediação: solução para utilizar fragmentos de vídeos (como filmes longa-metragem da indústria cinematográfica, curtas-metragens vencedores de festivais, documentários, entre outros), incluindo frases elaboradas pelo professor e inseridas antes e depois da exibição do fragmento do vídeo preexistente. É a transposição para EaD da mediação que o professor faria numa sala de aula presencial ao exibir um filme. A inclusão das frases é fundamental para conferir consistência didática ao material, em especial nos casos de citar produções feitas para atender outra finalidade, como por exemplo oferecer entretenimento ou informação.

Videoaula: caracteriza-se pela filmagem do professor em uma exposição verbal de determinado conteúdo, transpondo para a EaD o conceito de aula expositiva utilizada na educação presencial. Mas ela deve ser mais do que filmagem "crua" do professor explanando. A fala do professor deve ser previamente redigida e lapidada num roteiro técnico, construído em várias idas e vindas, até aportar a consistência necessária na linguagem audiovisual, em aspectos metodológicos da EaD e no conteúdo disciplinar, que um vídeo didático demanda. Na seção de gravação, o ideal é proporcionar ao professor a leitura do texto no *teleprompter*, minimizando pausas, redundâncias e descontinuidades comuns ao falar espontâneo. Depois, na edição, confere-se maior riqueza à fala, alternando o conteúdo de tela do vídeo entre a filmagem do professor e outras imagens, como fotografias, tabelas ou gráficos previstos em roteiro.

Vídeo tutorial: exposição, passo a passo, de um processo. É mais adequado para conteúdos técnicos ou tecnológicos. Geralmente envolve a gravação em *off* (apenas voz) da fala do professor e capturas de tela do computador, fotografias ou filmagem do processo tangível. É indicado o uso de subtítulos que demarquem as etapas do processo, assim como a citação e explanação de conceitos que se realizam naquele processo.

Vídeo instrucional: animação de elementos gráficos, acompanhada da fala do professor ou de um narrador, explorando as potencialidades pedagógico-comunicacionais próprias das linguagens visual e sonora. Para este tipo de vídeo também se elabora um roteiro técnico a partir da síntese do conteúdo. Contudo, sua concepção envolve criação de conceito visual e demanda uma equipe variada (com ilustrador e design de animação).

Outros tipos de vídeo didático: esta categoria evidencia a inexorável incompletude da taxionomia aqui proposta. Isso não indica que falte algo, apenas que esta classificação será sempre dilatável, através da associação de novos conceitos e práticas. Portanto, esta quinta categoria foi incluída para estimular novas ideias de recursos didáticos que utilizem a linguagem audiovisual, a serem propostos pelos professores e pela equipe de produção tendo em vista cada público, conteúdo e objetivo pedagógico visados.

b. Atores do processo

A produção de vídeo didático exige criatividade e conhecimentos especializados e multidisciplinar; logo, é fruto do trabalho de equipe multiprofissional atuando de modo interdisciplinar. Os profissionais dessa equipe podem ser aglutinados em dois grupos:

Equipe docente: inclui o **coordenador pedagógico** do curso, o qual define o escopo de produção com a coordenação da equipe de materiais, tendo em vista os recursos, os prazos e o tempo disponível para esse curso; e o **professor** de uma disciplina, responsável pelo conteúdo para produção de um vídeo didático.

Equipe de Produção: inclui o **coordenador da equipe** de produção de materiais, responsável pela complexa tarefa de gerenciar a equipe e os diferentes processos que permitem a produção dos diferentes e numerosos materiais didáticos que devem atuar como mídias do conhecimento; o **roteirista**, profissional que cria um argumento de vídeo a partir da síntese de conteúdo entregue pelo professor, escreve o roteiro técnico em diálogo com o professor e dirige o processo de produção; o **revisor textual**; o **designer gráfico e/ou de animação**, que elabora imagens, animações e qualquer elemento gráfico do vídeo, zelando pela identidade visual dos materiais; os **profissionais de gravação** em estúdio de vídeo e de áudio, que zela pela qualidade técnica (como ajustes de luz e enquadramento, definição de imagem e som, entre outros); e o **editor de vídeo**, responsável por reunir tudo que foi produzido e gravado e gerar a versão final do vídeo. Todos esses profissionais devem estar comprometidos em zelar pela qualidade pedagógica e linguagem audiovisual.

c. Etapas do processo

O fluxo de elaboração de vídeo é um sistema complexo, formado por diferentes atividades, organizadas em cinco etapas distintas (planejamento, pré-produção, produção, edição e publicação), cada qual com suas subetapas, realizadas pelos atores do processo:

Planejamento: etapa inicial para alinhamento entre equipes docente e de produção, definidora do **escopo** do vídeo a ser produzido e o **cronograma** de produção, sob o olhar do coordenador da equipe de produção.

Pré-produção: inicia com o diálogo entre professor, roteirista e, conforme a demanda, designer educacional, alinhando os objetivos pedagógicos e o conteúdo do vídeo a ser produzido. Essa etapa ganha corpo com a elaboração de dois documentos: a **síntese de conteúdo** (escrito pelo professor) e o **roteiro técnico** (proposto pelo roteirista e/ou designer educacional). A etapa se encerra com a **revisão textual** do roteiro validado pelo professor.

Quanto à redação do roteiro técnico, recomenda-se seguir as dez máximas de uso da linguagem audiovisual, anteriormente citadas a partir da definição de Bahia e Silva (2015). Além disso, recomenda-se usar o modelo de roteiro técnico utilizado em produtoras de vídeo para TV, o qual difere do formato do roteiro para cinema [Figura 1]. O roteiro deve deixar claro qual frase do professor aparecerá em sincronia com cada imagem prevista, incluir descrições de como as imagens e sons entram, como se comportam e como saem de cena.

Roteiro de produção de vídeo	
Gestão Financeira para empresas	
Professor: Pedro José Ramundo Roteirista: Rita Beatriz DI: Rita Beatriz Rufino Validação em 07/04/2015	
IMAGEM	ÁUDIO
1 Vinheta institucional.	[[FRASE MUSICAL]]
2 Vinheta do curso e título deste vídeo.	[[NARRADOR]] Parcours de Gestão Financeira para
3 Filmagem do professor, plano americano frontal.	[[PROFESSOR]] Olá, neste aula você conhecerá os conceitos de Gestão Financeira que demonstrarão as necessidades de micro e pequenas empresas. Nesta primeira parte da aula, apresentarei conceitos fundamentais de funcionamento e como ela funciona.
4 Corte. Enquadramento em plano médio frontal.	[[PROFESSOR]] A gestão financeira de uma organização envolve: <ul style="list-style-type: none">• Controle de Patrimônio;• Controle de Caixa;• Controle dos Resultados Financeiros. [[OLHA PARA A TELA]]
5 Corte. Captura de tela V1_01. Aplica zoom nas partes narradas.	[[PROFESSOR]] Trata-se de um conjunto de planilhas elaboradas com o programa Excel, organizadas em uma pasta de trabalho. Cada aba traz uma demonstração de uma situação específica. Começando com: <ul style="list-style-type: none">• Balanço Patrimonial de 31 de dezembro.

Figura 1 - Modelo de roteiro técnico para produção de vídeo

Quanto à síntese de conteúdo, destaca-se que este é documento básico para a escrita do roteiro. Portanto, o professor deve ser sintético e organizado, escrevendo cerca de duas laudas (4.000 caracteres com espaço) para vídeos com cerca de 8 minutos, indicando títulos e subtítulos em seu texto, deixando claro qual é o conceito central e quais informações são secundárias. É importante que o professor aborde o conteúdo de modo teórico-prático, e que indique qual fundamentação teórica está sendo utilizada. O professor pode complementar seu conteúdo com imagens, músicas e outras produções culturais que queira citar no vídeo. Acima de tudo, o professor deve escolher um “recorte” do conteúdo tendo em vista a audiência do vídeo. Algumas perguntas orientam o professor neste processo, como: quem é o estudante? Quais aspectos do conteúdo podem sensibilizar e despertar seu interesse? Que relações podem ser estabelecidas entre o conteúdo e a realidade do estudante? De que maneira esse conteúdo pode ter impacto positivo na vida do estudante? Outro fator que contribuiu para que o professor organize boa síntese de conteúdo é não se preocupar em querer esboçar um argumento de vídeo, evitando confusões sobre o que, de fato, constitui o assunto do vídeo.

Produção: consiste em colocar o roteiro em vias de fato, produzindo separadamente cada um dos materiais que irão compor o vídeo: os arquivos de gravação (como filmagem e áudio de narração) e os elementos gráficos (como tabelas, fotografias e telas de título). Nessa etapa o professor deve estudar o texto a ser gravado. Mesmo que já tenha lido silenciosamente o roteiro, deve treiná-lo em voz alta, várias vezes. Assim, poderá identificar alguma dificuldade de pronúncia e ensaiar até as falas soarem espontâneas. Se houver *teleprompter* na sala de gravação, não é preciso decorar o texto, apenas demonstrar estar bem familiarizado com o texto.

Quanto à escolha do figurino, é interessante que o professor se vista como se fosse dar uma aula presencial, considerando qual roupa é adequada para estabelecer um diálogo com sua audiência (estudantes do curso). No geral, recomenda-se dar preferência a roupas neutras e com poucos acessórios; evitar roupas excessivamente formais e exóticas, tecidos chamativos, camisetas com estampas em grande tamanho, ou outro tipo de vestimenta que possa “roubar” a atenção do estudante.

No momento da gravação, é importante que o professor olhe para os seus estudantes, ou seja, olhe para a câmera, imaginando que está interagindo com eles. Deve buscar uma postura corporal natural, evitando manter-se rígido, ou gesticular em demasia. O estilo da fala deve ser o mesmo usado na aula presencial, sem incorporar trejeitos de apresentadores de telejornal, ou outros. É fundamental estar atento à pronúncia das palavras e da pontuação, primando pela clareza, e manter ritmo na fala, num tom levemente empolgante e evitando a fala em tom único, que provoca sonolência a quem assiste ao vídeo. Ainda, se possível, recomenda-se gravar duas vezes em sequência, pois o ritmo e a desenvoltura do professor na segunda tentativa costuma ser melhor do que na primeira.

Edição: é momento de depurar as gravações, suprimindo pausas, erros, ajustando o volume de falas, entre outros detalhes. Em seguida o editor junta as gravações depuradas com os elementos gráficos e inclui efeitos de transição, vinhetas de abertura, ficha de créditos, entre outros elementos que a equipe julgar pertinentes. A etapa termina com a entrega do vídeo validado por roteirista e professor.

Publicação: postagem do vídeo no ambiente virtual de ensino-aprendizagem.

Por fim, é importante destacar que o roteirista, o designer educacional, o professor e todos os demais profissionais envolvidos participam ativamente das etapas de produção gráfica e de edição, identificando a necessidade de ajustes pontuais. Isso porque é papel da equipe multidisciplinar contribuir com o olhar do especialista por área, avaliando a **consistência** pedagógico e a **coerência** do vídeo em relação aos demais materiais didáticos com os quais o estudante terá contato. Ainda, a participação da coordenação de produção de material didático é constante, supervisionando: escopo, integração, tempo, qualidade, comunicação, entre outros aspectos envolvidos em cada projeto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, discutiu-se o papel do vídeo didático na EaD, assim como as características formais e comunicacionais que são determinantes para que ele desperte os interesses do estudante, promova a aprendizagem e, conseqüentemente, assuma papel de mídia do conhecimento.

Apresentou-se ‘dez máximas’ que agregam qualidade pedagógica ao vídeo didático. Também se descreveu uma taxionomia organizada em cinco categorias, um mapeamento de atores do processo e as cinco principais etapas a serem trilhadas para produção desse tipo de mídia. Tais artefatos foram propostos tendo em vista demandas e recursos com os quais as autoras deste artigo trabalharam, ao longo de um ano, em instituição federal de ensino técnico-profissionalizante no estado de Santa Catarina.

Por fim, destaca-se que práticas de gestão contribuíram para a liderança da equipe e boa qualidade dos vídeos didáticos produzidos. E sugere-se ampliar a discussão a partir da aplicação deste modelo em outras realidades de instituições de ensino que utilizem vídeo didático.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHIA, A. B. **Jogando Arte na Web: Educação em Museus Virtuais**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- BAHIA, A. B.; SILVA, A. R. L. **Vídeo didático: um guia para o professor**. Florianópolis: IFSC, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução Nº 1, de 11 de março de 2016** (Resolução CNE/CES 1/2016. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de março de 2016, Seção 1, p. 23-24). Disponível em: <<https://goo.gl/4aOxM5>>. Acesso em: 7 maio 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Referenciais de qualidade para Educação superior a distância**. Secretaria de Educação a Distância, Brasília, 2007.
- BEAUDIN, B. P.; QUICK, D. Instructional Video Evaluation Instrument. **Journal of Extension**, Connecticut, v. 34, n. 3, jun. 1996.
- CARDOSO, C. A. O vídeo instrucional como recurso digital em educação a distância. **Revista Trilha Digital**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2013.
- CLOTHIER, P. Interactive Video: the next big thing in mobile. **Learning Solutions Magazine**. Disponível em: <<http://www.learningsolutionsmag.com/articles/1292/interactive-video-the-next-big-thing-in-mobile>>. Acesso em: 27 out. 2016.
- MAYER, R. E. Multimedia Learning: Are We Asking the Right Questions? **Journal of Educational Psychologist**, Washington, v. 32, n. 1, 1-19, 1997.
- _____; MORENO, R. A. A split-attention effect in multimedia learning: Evidence for dual processing systems in working memory. **Journal of Educational Psychology**, Washington, v. 90, n. 2, 312-320, 90, 1998.
- _____. A coherence effect in multimedia learning: The case for minimizing irrelevant sounds in the design of multimedia instructional messages. **Journal of Educational Psychology**, Washington, v. 92, n. 1, 117-125, 2000a.
- _____. Learner-Centered Approach to Multimedia Explanations: Deriving Instructional Design Principles from Cognitive Theory. **IMEJ of Computer-Enhanced Learning**. Winston-Salen, v. 2, n. 2, out. 2000b.
- SCHMIDT, M. **Cine y vídeo educativo: selección y diseño**. Madri: Ministerio de Educación y Ciencia, 1987.
- SCHNAID, F.; TIMM, M. I.; ZARO, M. A.. Uso adequado de linguagem de vídeo para EaD. In: **X Congresso Internacional de Educação a Distância**, Porto Alegre. ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância, 2003.
- SILVA, A. R. L.; SPANHOL, F. J. **Design Instrucional e Construção do Conhecimento na EaD**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.